

## Reflexões sobre a mediação estético-visual

**Maria Helena Wagner Rossi**

Universidade de Caxias do Sul

Como estimular o encontro com a obra? Tenho refletido muito sobre essa questão e algumas dessas reflexões são expostas neste texto.

Há muito material divulgado propondo ideias, abordagens, estratégias de como fazer isso, o que mostra que há um desejo das pessoas envolvidas com mediação estética, que todos os leitores/espectadores tenham um encontro significativo com a obra, ou mesmo com as imagens no cotidiano escolar. Mas, nesse caso, a boa intenção não é suficiente. Quero defender que precisamos nos livrar do nosso egocentrismo e elitismo, que têm servido de pano de fundo para a maioria dos programas de mediação existentes.

Egocentrismo, porque não conseguimos nos colocar no ponto de vista daquele que vê a obra, o leitor. Pressupomos que ele vê o que nós vemos. Esquecemos que já pensamos como ele; que quando vimos uma imagem de Picasso pela primeira vez, vimos algo deformado e feio e não a multiplicidade de pontos de vista questionando a perspectiva renascentista; que quando vimos Van Gogh, não prestávamos atenção às pinceladas ou texturas, apenas à paisagem (às vezes com dificuldade). Mas, egocentricamente, exigimos do leitor aquilo que só pudemos ver depois que a arte se tornou parte da nossa vida profissional.

Quanto ao nosso elitismo, ele aparece quando supomos que a arte faz parte do cotidiano de todo mundo, como faz do nosso, e quando esquecemos que não é fácil ter acesso à arte neste país. E é a familiaridade com arte desde cedo a responsável pelo desenvolvimento de um pensamento estético maduro e sofisticado na adolescência. Mas isso não acontece com frequência. No entanto, ignoramos essa realidade e despejamos ideias sobre arte e estética sobre o leitor, numa típica atitude bancária no sentido de Paulo Freire. Nosso objetivo é nobre: promover o acesso à arte e tornar o encontro com a obra significativo, e para atingi-lo “trocamos os pés pelas mãos”, agindo de forma equivocada. Não escutamos o leitor. Não sabemos qual é o seu ponto de vista. Não sabemos qual é a sua compreensão, nem seu ponto de partida. Negligenciamos o seu processo de desenvolvimento estético e lhe oferecemos a nossa concepção de leitura (quase sempre de base formalista), provavelmente com boas intenções. Parsons e Blocker dizem que

Os professores deveriam compreender como os seus estudantes pensam sobre arte e deveriam ouvir cuidadosamente o que eles dizem. É fácil assumir que se nós ensinamos às crianças um determinado vocabulário, estaremos lhes ensinando ideias. Um bom professor estará constantemente consciente dessa diferença (1993, p. 155).

Para tornar essa crítica mais palpável, trago alguns depoimentos de alunos da Educação Básica, sobre as questões: O que é uma obra de arte? Você tem alguma obra de arte na sua casa?<sup>1</sup>

Da Educação Infantil até o quarto ano, foi considerado obra de arte:

- Quadros (de Jesus, São Jorge e paisagens), vasos, animais de porcelana, bibelôs, guarda-roupa, lustre, aquário, tapete da sala, vaso com flores, livro com figuras coloridas, jardim, flores, desenhos feitos por eles, bons sentimentos, fotos de gente fazendo pose, fotografias [em geral, de alguém ou algo de que gostam], caixinhas enfeitadas, panos de prato pintados ou bordados, coisas de crochê, tricô ou bordado, coisas que foram feitas com as mãos, violão, objetos com materiais reciclados como garrafas PET ou rolinhos de jornal, bichos de pelúcia, enfeites de geladeira, louça pintada, bijuteria, sapatos, relógios, livros, móveis, música, velas, porta-retrato, chaveiro, corte e pintura de cabelo, sabonete pintado, flores de tecido, imã de geladeira, guardanapos e toalhas feitas à mão, cortina com miçangas, tudo que é bonito de olhar...

Do quinto ano até o Ensino Médio, obra de arte pode ser:

- Novelas de TV, cerca de pedra, imã de geladeira, origami, quadro com paisagens, escultura de animais, azulejo de cozinha, imagem da Santa Ceia, imagem do Sagrado Coração de Jesus, relógio com pêndulo, coisas antigas, retrato antigo, relógio com o símbolo do Grêmio, crucifixo, quadros bem pintados, escultura em madeira, vaso egípcio, tapete decorado, móveis decorados, bibelôs, crochê, bordados, vasos de barro, boneca antiga, pôster do Inter, paisagens bonitas, velas decoradas, lembranças de viagens, almofada bordada com lantejoulas, CD do Luan Santana, hip hop, Batidão Sertanejo, móveis, retratos feitos à mão, pátio, telefone celular, criação de ovelha, revista de bordados, uma parede com graffiti, estátuas de santos, pintura abstrata na porta da sala, o sabor da comida, móveis, açucareiro de vidro, latas pintadas, coleção de cartões de orelhão [telefone público], utensílios da casa, aparelho de som, computador, espelho, cadeira de praia, trabalhos manuais, “entre outras coisas”.

Essas ideias revelam uma concepção de arte com a qual nós, mediadores de arte, não compactuamos. Essas ideias foram construídas pelos estudantes nas suas interações com a sua cultura. São ideias que as pessoas – pais, professores, mídia – revelam e que são apropriadas por eles. É como se um currículo oculto lhes tivesse ensinado que arte tem a ver com beleza, que deve ser contemplada para deleite sensorial, mas não para ser interpretada; arte tem a ver com o belo e com o bom, com o que faz bem ao ser humano. Todas as coisas citadas são belas ou “boas”, revelando a indistinção entre o julgamento estético e o moral.

No entanto, para nós, a arte é também comunicação. É feita, intencionalmente, por seres humanos, portanto deve ser interpretada e não apenas contemplada. Mas, estranhamente, é raro privilegiarmos a interpretação dos significados no encontro com a obra/imagem. Parsons diz que, ao contrário do paradigma modernista, na contemporaneidade, nós “precisamos perguntar não exatamente como as crianças veem as coisas, mas qual o significado que elas atribuem a elas, as capacidades interpretativas que elas têm e como elas compreendem arte” (anotações de palestra, 1998).

---

<sup>1</sup> Questões propostas em atividade da disciplina Seminário Integrador 3 do Curso de Artes Visuais a distância em parceria UFRGS/UCS.

Muitos podem concordar com Parsons, mas o dilema começa quando se tem que criar um esboço para um possível diálogo frente a uma obra contemporânea. Sim, porque pedir para uma criança interpretar uma obra e deixá-la falar, não é exatamente o que podemos chamar de mediação estética.

Penso que mediação<sup>2</sup> é uma ação educativa que contribuiu para a construção do conhecimento de uma pessoa. Sendo assim, deve ser feita por alguém mais experiente na área, que conheça o processo de pensamento do sujeito, para que possa, então, questionar suas hipóteses, através de questionamentos. Assim o aprendiz poderá ascender a um patamar mais complexo na área em questão. Por exemplo, para fazer mediação estética, o mediador deve conhecer o desenvolvimento do pensamento estético do sujeito/leitor para que possa dialogar com ele, formulando questões adequadas à sua compreensão. De nada adianta dar informações ou fazer questões que não façam sentido para o leitor, por estarem muito distantes de suas possibilidades atuais. A construção de conhecimento se dá quando as coisas fazem sentido, conectando-se, de alguma maneira, ao conhecimento prévio. É função do mediador saber que ideias da arte são importantes e significativas no desenvolvimento estético, para que possa provocar a construção do conhecimento estético.

Uma ideia presente nas nossas discussões como profissionais da arte hoje é o questionamento sobre como um objeto qualquer adquire o direito de ser chamado de obra de arte. Mas uma discussão desse tipo não se dá no mundo a que aquele aluno da educação básica (que respondeu às questões) tem acesso. Ele não se apropriará dessa ideia no seu cotidiano, pois ela não está lá. Em outras palavras, para compreender a transfiguração do objeto banal em obra de arte, há um longo caminho no processo do desenvolvimento estético.

De alguns anos para cá tem sido mais fácil e acessível acompanhar alunos a exposições de arte, bienais e outros eventos, o que tem aproximado a arte contemporânea dos estudantes da educação básica. Mas pode-se perguntar se está havendo a compreensão desse processo de transfiguração descrito por Danto (2005)? O que será que esses leitores vêem/pensam quando se deparam com um objeto banal exposto como obra de arte? Danto diz que “a apreciação estética de obras de arte tem uma estrutura diferente da apreciação estética de meros objetos...” (2005, p. 175). Então, exposto, o objeto tem que ser interpretado como obra de arte.

Um problema se coloca: nem todos os leitores que acompanhamos numa exposição, têm condições de ter acesso a essas ideias, devido ao seu processo de desenvolvimento do pensamento estético. São poucos os que têm condições de construir essa compreensão em

---

<sup>2</sup> Essa ideia foi exposta em entrevista a Mirian Celeste Martins, que a publicou em *Mediação: provocações estéticas*. São Paulo: UNESP, 2005.

poucos “encontros”, sendo que a maioria irá permanecer lendo a arte a partir de ideias ingênuas e realísticas<sup>3</sup>.

Enfim, o que se vê na maioria dos programas de mediação é a exposição (imposição?) de ideias sobre obras de arte como se a arte hoje fosse “ponto pacífico” para todos. Não levamos em consideração as concepções dos leitores no encontro com a obra. Assim, este artigo defende que estar conectado com o pensamento do leitor, é condição *sine qua non* da mediação.

### **Como estimular o encontro com a obra**

A seguir quero expor algumas ideias que podem ser úteis aos interessados em desenvolver um processo de mediação preocupado em enriquecer o encontro com a obra. Essas ideias são baseadas nas colocações de Parsons e Blocker sobre estética na sala de aula (1993, p. 154-180).

Início propondo que se trate da aprendizagem gerada no encontro estético como a aprendizagem da filosofia, onde um bom professor deixa de ser a autoridade que sabe as respostas certas. Em vez disso, evita “dar” as suas soluções aos estudantes e não se incomoda de deixar alguns problemas não resolvidos. Por sua vez, os estudantes (a partir de agora, leitores de arte) devem aprender a impor sua compreensão e suas dúvidas e não se frustrar com respostas incompletas.

Tanto na arte como na filosofia, o pensamento independente costuma ser encorajado. Mas às vezes, esse encorajar cai num diretivismo involuntário quando, por exemplo, deixamos claro quais ideias são mais sensatas e quais não são. O leitor percebe pelo tipo de resposta que damos ou pelo tom da voz, quando uma ideia ou atitude não é bem-vinda. Então é necessário que tenhamos consciência de nossas ideias/suposições e de que elas podem ser tão arraigadas que sequer admitimos que não sejam verdades. Se não, como encorajar uma atitude aberta a ideias dos outros? Como incentivar a consideração de diversos pontos de vista/opiniões? Como discutir a partir de uma atitude aberta?

Às vezes confundimos onde está essa desejada abertura. A abertura é um atributo do mediador e não das ideias que ele possa ter. Uma ideia que tendemos a considerar como aberta é a de que toda a interpretação de uma obra é válida, já que é resultado da experiência do espectador. É tentador aceitar essa visão relativista de interpretação como exemplo de ideia/atitude aberta, pois assim deixamos o leitor falar e não temos que discordar dele. Uma visão aberta é aquela que ajuda o leitor a examinar vários tipos argumentos numa leitura, a favor e contra, e fazer com que ele decida por si próprio, mesmo

---

<sup>3</sup> É como Freeman e Sanger (1995) chamam as ideias iniciais do desenvolvimento estético.

que não concordemos com ele. Dar a ideia de que tudo é relativo não ajudará na busca de uma melhor compreensão da arte.

Uma boa discussão frente a uma obra requer uma atmosfera de apoio e consideração. Às vezes é preciso encorajar, pois os leitores ficam ansiosos, constrangidos ou encabulados em admitir que estejam confusos em relação à obra. Sentir-se confuso pode ser um sinal de ter ido além da superfície. Às vezes aqueles que não entendem são na verdade mais perceptivos do que aqueles que acham que entenderam.

Mostrar-se interessado pelas ideias do leitor é fundamental num encontro estético. O leitor tem que saber que o mediador está interessado em ouvi-lo e que não fará julgamentos sobre seus pensamentos e sentimentos. Parafrasear as palavras de um leitor antes de fazer uma pergunta pode ajudá-lo a compreender o que ele está dizendo e assegurá-lo de que seus sentimentos são aceitáveis. Outra estratégia é pedir aos leitores que comparem seus sentimentos: “Maria, você sente da mesma maneira?” Isso causa uma sensação de ser entendido pelos pares. “Tem alguma coisa na obra que te faz sentir assim, desta maneira?”

Habilidades de ouvir e de perguntar também se devem ser valorizadas, encorajando os leitores a ouvir atentamente o que os outros dizem e a pensar sobre a sua própria compreensão do que foi dito. Isso pode ser feito pedindo para um leitor contar o que outro acabou de falar sobre a obra: “João, você poderia nos contar o que Pedro falou?” Também devem ser incentivadas perguntas entre eles, como se um estivesse curioso para saber o que o outro está pensando: “Pedro, onde você está vendo isso?”

É fácil dar opiniões, mas dar as razões sobre elas é mais difícil. Assim, não basta perguntar: “por quê?” Às vezes vários argumentos relevantes para uma questão apontam para sentidos diferentes. Por isso é interessante simular que temos razões diversas para opiniões diversas ou que não sabemos qual é a melhor. Assim, os leitores aprendem a pensar sobre o que é mais relevante.

Certamente há ainda inúmeras questões importantes que poderiam ser abordadas, mas dentro dos limites de um artigo, devemos fazer opções. A seguir, transcrevo fragmentos<sup>4</sup> de uma sessão de leitura de imagem numa sala de aula de uma 3ª série, como exemplo de como podemos colocar essas ideias em ação. Essa aula teve duração de 50 minutos. As imagens foram projetadas na parede da sala por um projetor de eslaides.

### **Fragmentos de uma sessão de leitura e discussão estética no início da 3ª série do ensino fundamental**

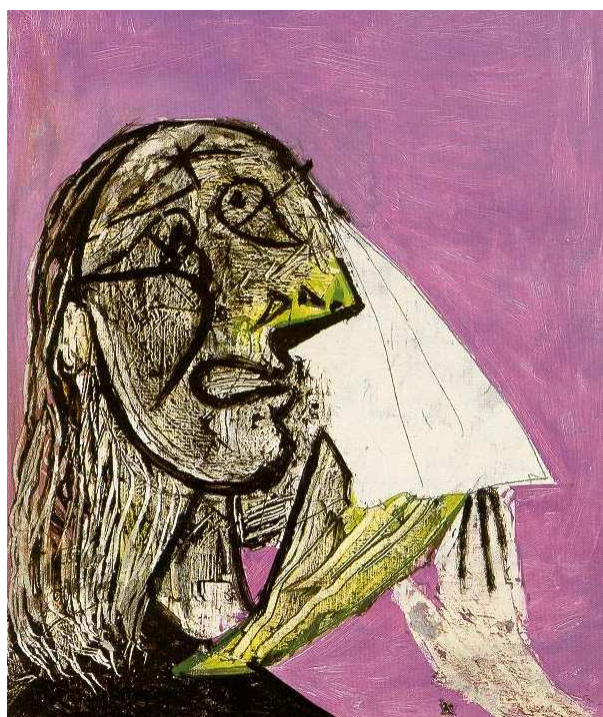
Foram apresentadas duas imagens:

---

<sup>4</sup> A transcrição dos diálogos desta aula tem 31 páginas. O que está transcrito aqui é uma pequena parte.



Isaac Oliver, *Retrato em miniatura de duas meninas*, 1590. Óleo s/ madeira.



Pablo Picasso, *Mulher chorando*, 1937. Óleo s/ tela.

O diálogo a seguir se deu frente à imagem de *Mulher chorando*.

MH<sup>5</sup> - Agora vamos falar sobre esta outra imagem [Retrato em miniatura...].

Arlan - *Eu estou vendo uma mulher com um pano branco, parece que é de noivado. Ela parece de madeira, palha... ou madeira.*

MH – Palha? Parece que a mulher é de palha?

---

<sup>5</sup> As iniciais se referem ao nome da autora deste artigo, Maria Helena.

Rafael - *Eu estou vendo uma mulher com a cara toda desenhada. Ela tem um véu e parece que ela está limpando o olho.*

Isadora - *Eu estou vendo uma moça. Eu acho que ela está com muitos desenhos no rosto.*

Bruno - *Parece que ela é feita de palha. Ela está com uns desenhos na testa. Parece que os olhos dela estão caindo fora da testa e o nariz dela está todo amarelo.*

Caroline - *Esta mulher é meio estranha. Os olhos... parece que ela é vesga! Deixa eu ver... parece que ela está assoando o nariz.*

Bruna - *Esse desenho parece que uma criança pintou!*

MH - *Vocês concordam que parece feito por uma criança?*

Crianças - *Sim!*

MH - *Por que parece feito por uma criança, Natália?*

Natália - *Eu não quero falar sobre isso. Eu quero falar que não sei se ele quis fazer isso ou se ele não quis. Não sei se ele borrou ou não.*

Ângelo - *Parece uma mulher feita de madeira. No rosto ela está cheia de tatuagens e ela está se arrancando um olho.*

MH - *Será que ela está arrancando um olho?*

Ana - *Eu também acho isso que a Bruna e a Natália disseram, que uma criança pintou, porque está tudo rabiscado.*

MH - *E o que você acha disso?*

Ana - *Eu acho que... na arte não tem palavra para dizer se é bonito ou feio. Eu acho que eu não conseguiria fazer um desenho assim porque, por mais que a gente diga que é rabisco, é uma pintura muito bonita. Ela é assim, não é por não ter conseguido fazer. Seria pela ...*

MH - *Vontade própria?*

Ana - *É, pela vontade própria que ele tinha de pintar.*

MH - *A Ana está dizendo que na arte a gente não pode dizer se é bonito ou feio. Será?*

Crianças - *Não! Sim!*

MH - *Vamos ver o que o Tomaz tem a dizer.*

Tomaz - *Eu não concordo com a Natália e concordo com a Ana: para a arte não tem palavras. Uns rabiscos pode ser arte. E se isso aí for uma escultura em madeira? Pode ser uma escultura em madeira com o fundo rosa!*

MH - *Você acha que é uma escultura?*

Tomaz - *É uma pintura, porque a escultura não vai ficar assim ... Pode pegar bichos [cupins] e eles comerem a escultura.*

MH - *Eu tenho uma pergunta para todos: Se a vontade do Picasso é pintar assim, ele é um bom pintor?*

Tomaz - *Como ele já morreu, é só aqui entre nós que a gente está decidindo o que ele é. O que importa é o que as pessoas achavam naquele tempo. Mesmo que seja outra coisa eu acho ele um pintor super bom. E eu não acho que seja uma mulher.*

MH - *Não é uma mulher? Então o que é?*

Tomaz - *Pode ser uma mistura de humano com um animal, porque parece que ela está nadando de quatro patas.*

MH - *Quem concorda com o Tomaz?*

Flávia - *Eu acho que pode ser como o Tomaz falou, mas também ele não pintou feio. Ele queria fazer uma pintura bonita ...*

MH - *Ele conseguiu fazer bonito ou não?*

Flávia - *Ele conseguiu, só que no final ele borrou a mão.*

MH - *Afinal, ele borrou porque se enganou e não conseguiu ou ele fez assim de propósito?*

Flávia - *Não. Deve ser que ele deixou cair tinta sem querer.*

MH - *Ah! Talvez tenha sido sem querer... E o que vocês pensam sobre isso?*

Camila - *Para mim tudo é arte.*

MH - *Tudo é arte?*

Camila - *Tudo que [se] cria, mesmo que seja um borrão de uma coisa esquisita que a gente nunca viu, é uma arte.*

MH - *Fale mais sobre essa ideia, Camila.*



Camila - *Porque todas as coisas que são desenhadas, que ele cria, para mim é uma arte. Por exemplo: tem artes marciais, arte de tocar piano, tocar uma música. Para mim tudo é arte; tudo que se cria. Ele pintou do jeito dele, que ele sabia. Para mim toda coisa que o artista, mesmo não sendo um artista, faz e cria... Pode ser até como eu disse antes, uma cabeça e um palito, é uma arte.*

MH - E você acha melhor a pintura que nós vimos antes [Retrato em miniatura...] ou esta?

Camila - *A primeira.*

MH - Por quê?

Camila - *Por que na outra pintura se pintou melhor uma pessoa.*

MH - É isso que eu quero saber. Quero que vocês justifiquem os gostos, as opiniões, certo?

Camila - *Mas tem gente que acha esta imagem mais bonita.*

MH - Será? Tem alguém na aula que acha essa imagem melhor que a outra ou mais bonita?

Felipe - *Como é que foi uma criança que pintou? Se você mandar a Bruna fazer ela não vai conseguir.*

MH - Será?

Tomaz - *Eu acho que muitas pinturas parecem retratos e deixam um pouco de ser arte. Vamos supor, se eu derramar um pote de tinta no papel e espalhar um pouco, pode ser uma arte. Uma criança pode fazer uma arte. Até um bebê, se derramar uma coisa no papel, pronto! Ele fez uma arte.*

MH - Quem concorda com o Tomaz?

Ana - *Se você desenha uma flor, você pode dizer que é um barco. A gente pode ver a arte de qualquer maneira; não tem isso de dizer que eu fiz uma casa, então é uma casa e pronto! Isso não é assim... E eu acho que esta imagem é melhor porque a outra é o retrato de uma pessoa e nesta a pessoa se soltou e foi desenhar.*

MH - Quem concorda com o Tomaz e com a Ana? Quem acha que esta imagem é melhor do que a outra, porque o artista se soltou mais e foi mais criativo?

Tomaz - *Quando uma pessoa pinta um barquinho velejando, uma flor e os raios de sol, você tem um barco, o sol e uma flor. Mas esta imagem faz a pessoa pensar e soltar a imaginação para pensar sobre o que é. Esta pintura devia... este cara... devia ir para uma galeria de arte de cidades famosas. Isto que é arte mesmo! Uma coisa que a gente não sabe o que é; que a gente tem que ficar pensando e olhando...*

MH - Quer dizer que a arte tem que provocar um sentimento de você descobrir as coisas, e não que as coisas estejam retratadas fielmente. É isso?

Tomaz - *É bem isso!*

MH - Vamos ver quem concorda? Quem discorda?

Ana - *A outra foi toda bem pintadinha e não teve nem um borrão. Ah, então a outra é melhor? Não, esta aqui teve muito mais criatividade, porque a pessoa conseguiu não ficar olhando para alguma coisa, então ela criou. Ela teve muito mais criatividade do que a outra. A outra tem tudo bem feitinho e nesta a pessoa se soltou. E não tem “a outra é melhor” ou “esta aqui é melhor”. Tudo é arte!*

Cristina - *Eu não acho.*

MH - Por que, Cristina?

Cristina - *Eu quero saber o nome desta imagem.*

MH - É “Mulher Chorando”. Quem pode inventar um novo título?

Cristina - *“O desenho rabisco”, “rabiscada da mulher chorando”, porque é a coisa mais feia do mundo!*

MH - Por que é feio, Cristina?

Cristina - *Eu não gosto deste tipo de arte! Eu não! Não, não gosto!*

MH - Você gosta da outra imagem?

Cristina - *Eu gosto.*

MH - Por quê?

Cristina - *Porque quando eu vejo estas imagens parece que eu estou olhando um monstro. Não parece uma pessoa, não parece uma arte para mim. Para mim arte é o contrário. É como a outra imagem [Retrato em miniatura...]. Eles podem achar que isso é uma arte e*



*aquela outra não é, mas para mim aquela é uma arte e esta não. Para mim isto é uma monstruosidade, isso sim!*

MH - Quem concorda com a Cristina, que esta imagem do Picasso, "A Mulher Chorando", é uma monstruosidade?

Natália - *Eu quero falar outra coisa: não concordo com a Camila... Ela falou que tocar piano é uma arte. Mas tocar piano todo desafinado ou cantar tudo desafinado é arte para você, Camila?*

MH - É uma boa pergunta. Atenção! Tocar piano desafinado é arte?

Crianças - *É!*

Natália - *Eu não acho!*

MH - Por quê?

Natália - *Porque arte para mim é coisa que seja bonita.*

MH - Um piano desafinado é bonito?

Crianças - *É!*

Natália - *Não!*

MH - Mesmo quando se toca qualquer coisa, é arte?

Crianças - *Não!*

MH - Não?

Tomaz - *É uma criatividade.*

MH - Então criatividade é qualquer coisa?

Tomaz - *Vamos supor que eu esteja tocando a valsa. Eu não estou tocando uma arte; eu estou tocando uma coisa que uma pessoa já inventou. Se eu apertar umas cinco teclas, pronto! Eu fiz uma arte; a minha arte.*

Ana - *A pessoa que aperta em todas as teclas, sem saber o que está fazendo, é muito mais criativa do que ficar vendo no papel [partituras] e tocar, porque ele não criou. Por exemplo, nesse quadro, você pode dizer que não é uma mulher chorando, porque outra pessoa pode ver essa pintura como qualquer outra coisa.*

MH - Eu escutei alguém dizer que não tem nada a ver? Você não concorda, Maurício, por quê?

Maurício - *Ah, porque não!*

MH - Qual é a sua ideia? Qual é a melhor?

Maurício - *Esta imagem é melhor. [Mulher Chorando].*

Cássio - *Eu acho esta mais legal, porque a outra é sem graça; é só um retrato!*

MH - A outra que parece fotografia é sem graça?

Isadora - *Eu acho esta imagem melhor porque ela é mais interessante. A outra ele só copiou o retrato. Nesta imagem ele usou a criatividade dele, então eu acho que ficou mais interessante.*

MH - Agora tem mais gente achando que esta imagem é mais interessante e tem mais criatividade do que a outra, que parece uma foto. Vamos continuar.

Eduardo - *Eu acho que as duas são boas. Na primeira, ele caprichou. Nesta imagem ele se soltou um pouco, mas as duas são boas.*

MH - O Eduardo está dizendo que as duas coisas são boas. O capricho na primeira pintura, e na segunda, o fato de o artista ter se soltado. Vocês acham que na arte estas duas coisas são boas?

Crianças - *Sim!*

Ana - *Eu acho que a arte não tem o certo e o errado.*

MH - Quer dizer que na matemática tem certo e errado, mas na arte não tem, é isso?

Ana - *Sim, porque na matemática você tem que chegar à conclusão de que dois mais dois é igual a quatro. Você não pode dizer qualquer outro número porque vai estar errado... A arte não tem errado ou certo.*

MH - Eu quero que vocês me respondam o seguinte: é verdade que na matemática existe somente uma resposta e na arte existem várias respostas; não existe o certo e o errado?

Camila - *Na matemática sempre tem uma resposta, mas na arte não tem. Eu apóio a Ana, porque na matemática, cinco mais cinco tem que dar dez; não pode dar onze porque senão*

*você pode dizer que está errado. Mas na arte você não pode dizer que aquilo está errado; é uma arte!*

MH - Muito bem! Agora quero que vocês pensem: o que as duas imagens têm em comum?

Bruna - *Eu vi uma coisa em comum nas duas, mas eu não sei se é. Tem menina e mulher. Deve ser uma mulher porque tem cabelo comprido. Eu acho que é isso.*

MH - A Bruna já descobriu o que as duas imagens têm em comum.

Caroline - *Pessoas?*

MH - Somente pessoas?

Crianças - *Não!*

Cristina - *O fundo.... Você viu que cada imagem tem um fundo. Esta tem um fundo e as outras duas também têm fundo.*

MH - Sim, as duas têm um fundo, mas não é só isso. Eu queria mais alguma coisa que elas têm em comum.

Pedro - *Meninas!*

MH - Nas duas imagens têm meninas, mas o que mais?

Adriane - *O que as duas imagens têm em comum são cores.*

MH - Certo, as duas imagens têm cores. Só isso?

Matias - *As duas imagens têm pessoas com expressões.*

MH - Ah, vejam o que o Matias descobriu! Nas duas imagens têm pessoas com expressões. Quem concorda?

Natália - *Eu ia dizer isso.*

MH - Você ia dizer? Muito bem!

Tomaz - *Eu quero fazer uma pergunta para a Cristina. Eu quero saber o que é arte para ela?*

Cristina - *Para mim... Eu não gosto desse tipo de arte. Para mim arte é uma coisa tipo uma pessoa pintada, normal, só com pincel. Eu acho que arte é assim, mas o Tomaz pode achar que a arte dele é assim. [Aponta para a imagem Mulher Chorando]. Ele pode um dia fazer um quadro assim. Mas eu não gosto! Ele pode gostar, mas eu tenho a minha opinião e ele tem a dele.*

MH - Satisfeito com a resposta, Tomaz?

Tomaz - *Estou.*

Cristina - *Eu não terminei! Ele e a Ana podem gostar dessa toda rabiscada. Para eles uma obra de arte tem que ser uma coisa bem diferente.... Eles acham que aquilo ali é uma coisa mais interessante, que nunca foi pintada, que nunca...*

MH - Você não concorda?

Cristina - *Com eles eu não concordo, infelizmente.*

MH - Ana, você está satisfeita com a resposta?

Ana - *Eu, sim. A Cristina tem a opinião dela e todo mundo tem a sua. Mas eu queria perguntar para ela: o que faz ela gostar mais da outra?*

Cristina - *Eu não gostaria de ficar repetindo. Agora eu é que gostaria de saber o que é que leva vocês a gostar mais desse tipo de imagem?*

Tomaz - *Eu e a Ana gostamos mais dessa porque a gente gostou dos rabiscos.*

Breno - *A Cristina deu a opinião dela. Para ela é aquilo. Só que eu acho que todos os quadros, todas as imagens que a gente vê é arte.*

MH - Quem concorda?

Crianças - *Sim! Não!*

MH - Não? Por quê?

Tomaz - *Não, porque se eu fizer um pinguinho numa folha, não é uma arte.*

MH - Ah! Se ele fizer um pinguinho numa folha não é arte?

Crianças - *Não!*

MH - Os quadros são arte?

Breno - *Os quadros de pintura.*

Arlan - *Eu tinha a mesma proposta do Breno. A maioria é arte. Só que se eu fizer, como o Tomaz disse, um pinguinho, não vai ser arte! Mas esta aí [Aponta para a imagem Mulher Chorando] também é arte. A Cristina está achando que é ruim?*

Cristina - *Sim.*

Arlan - *Ela tem a proposta dela, mas isso é arte!*

MH - Essa ideia do Arlan é interessante. Não importa se a Cristina tem a proposta dela, mas é arte. Concordam?

Crianças - *Sim!*

Flávia - *Eu acho... Eu concordo com a Cristina e com a Ana. Tudo é uma arte. Mesmo se for feio ou bonito, é arte.*

MH - A arte pode ser feia?

Crianças - *Pode!*

MH - Pode?

Ana - *Não pode dizer que é feio.*

MH - Não? Por quê?

Ana - *Não, por que... Bom, cada um tem a sua opinião. Você pode dizer que é feio, mas é uma coisa criada! É muito mais interessante do que copiar alguma coisa.*

Flávia - *A Cristina pode achar que não é uma arte, mas está bem bonito. Está meio feio, mas para mim é arte.*

MH - Pessoal, não precisamos encerrar essa discussão hoje. Vocês vão ter tempo de elaborar melhor esse pensamento.

Cássio - *Então até um bebê pode fazer uma arte. É só fazer dois riscos!*

MH - Até um bebê pode fazer arte, fazendo dois riscos?

Crianças - *Sim!*

MH - E se vocês resolverem um exercício de matemática, é arte?

Crianças - *Sim!*

MH - Então, se vocês jogarem uma partida de futebol, também é arte?

Crianças - *É!*

MH - Se vocês forem à missa rezar, é arte?

Crianças - *É!*

MH - Então não existe nenhuma diferença entre o homem fazer arte e as outras atividades ... utilitárias? Ir ao supermercado é arte?

Crianças - *É!*

MH - Então, tudo é arte?

Crianças - *Não!*

Ana - *Assim como você disse, ir na igreja...[...] uma pessoa fez isso uma vez e agora todo mundo faz, então não seria uma arte.*

MH - Para ser arte, tem que ser uma coisa diferente, que ninguém fez antes?

Crianças - *Sim.*

Isadora - *Eu não acho que tudo é arte. Olhar para um cartaz é arte? Eu acho que não.*

Camila - *Eu acho que não são todas as coisas que são arte. Ir até o supermercado não é arte. Mas dirigir, para mim, dirigir até o supermercado é arte. Mas ir normal, só fazer compras, está pertinho... Dirigir é arte, mas ir ao supermercado fazer compras não é arte.*

MH - Então que tem que ter em uma ação para ser arte?

Camila - *Tem que ter numa ação que a gente aprendeu alguma coisa, como pintar. A gente aprendeu que tem que molhar o pincel, tem que molhar aquele lado do pincel...*

MH - E dirigir, então, é arte ou não?

Camila - *Tem que aprender, tem que fazer isso, tem que dobrar, tem que ir ali...*

MH - Então arte é tudo que a gente aprende?

Alguns - *Não.*

Outros - *Sim.*

MH - Vamos amadurecer essas ideias e vamos continuar com o debate? Eu quero que vocês falem um pouco mais a respeito do que o Matias descobriu. Que as duas imagens têm expressões. Vamos falar mais sobre isso? O que é uma expressão? Você sabe, Flávia, e quer responder?

Flávia - *Eu queria falar uma coisa que eu não falei antes. Eu acho que quando o Tomaz falou, não da expressão, mas bem antes, eu não concordei. Tem gente que gosta, tem gente que não gosta e tem gente que não pode obrigar o outro a gostar da mesma coisa. A imagem pode ser feia para mim, mas para o Tomaz é bonita. Ele não pode me obrigar a*

*ficar como ele, para eu gostar da imagem. A gente não deve mandar os outros concordarem...*

MH - Eu acho que ele não está mandando. Ele está expressando a ideia dele, não é isso Tomaz? Todos têm o direito de pensar como quiserem.

Tomaz - *É.*

Camila - *Eu acho que expressão significa um sentimento. Um sentimento de alegria que... quando se ganha na loteria; um sentimento de tristeza, quando se perde uma aposta...*

MH - Vocês concordam que a expressão pode ser tanto de tristeza como de alegria?

Crianças - *Sim!*

Natália - *Para mim a expressão são formas diferentes no rosto. A pessoa pode estar feliz, mas pode estar triste no coração também.*

MH - A expressão aparece no rosto?

Natália - *Sim.*

Cristina - *Eu acho que expressão significa o que a pessoa está demonstrando com o rosto, com o corpo dela. O que ela quer demonstrar com um sorriso? Que ela está contente. O que ela quer demonstrar quando ela está chorando? Que ela está triste.*

MH - Muito bem! E o pintor, pintando essa mulher chorando, está demonstrando o sentimento da mulher ou o sentimento dele?

Cristina - *Eu... para falar a verdade, eu acho que era o sentimento dele. Ele estava com tristeza. Ele queria pintar uma coisa que tivesse uma pessoa triste, uma coisa triste, uma coisa de guerra, uma coisa de morte... Uma pessoa chorando, uma pessoa sentindo a falta de alguém...*

MH - Então o pintor estava expressando a tristeza dele. Quem concorda que o pintor expressou o seu próprio sentimento no quadro?

Camila - *Eu, não! Eu acho que ele pode estar expressando a tristeza dele ou expressando a tristeza de outros. Se ele colocar a tristeza dele, ele faz assim: ele coloca uma tristeza [...] faz uma figura triste e coloca um título triste. Mas... como é mesmo o nome? "Mulher Chorando". Eu acho que ele estava triste ou aconteceu alguma coisa ou morreu alguém; ele perdeu uma aposta; uma coisa assim.*

[...]

## **Considerações finais**

Como dizem Parsons e Blocker, "os argumentos das crianças muitas vezes parecem ingênuos ou ilógicos para um adulto" (1993, p.156). Mas esse momento do processo de desenvolvimento estético não pode ser ignorado pelo mediador, como se não existisse ou não devesse existir. Os autores argumentam que há uma sequência necessária nesse desenvolvimento<sup>6</sup>. Primeiro é necessário aprender a valorizar a habilidade de saber fazer bem (um retrato, por exemplo) antes de entender as manifestações mais sutis na arte, como a transfiguração do banal de que fala Danto.

Essas crianças, ao final da 8ª série do ensino fundamental, mostraram um pensamento estético complexo e sofisticado<sup>7</sup>. Acredito que isso possa ser devido ao tipo de abordagem de leitura e discussão estética que experienciaram durante os oito anos do fundamental. Abordagem essa que buscou o questionamento de suas hipóteses, teorias, intuições, enfim, suas ideias estéticas, de maneira especulativa, não dogmática.

---

<sup>6</sup> Ver Parsons (1992) e Rossi (2003).

<sup>7</sup> Ver outros diálogos desse grupo em Rossi, 2005 e Rossi, 2009.

As boas intenções de muitas abordagens de mediação, que buscam facilitar o acesso à arte, nem sempre se concretizam devido à necessidade que temos de fornecer respostas. Afinal, sabemos muitas respostas. Mas para evitar dogmatismos é imprescindível conhecer os modos como os leitores pensam sobre arte. Assim, saberemos o que faz sentido em cada momento e contexto da vida do leitor que está a nossa frente num encontro com a arte.

## Referências

DANTO, Arthur. **A transfiguração do lugar-comum**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

FREEMAN, Norman; SANGER, Daniela. The commonsense aesthetics of rural children. **Visual Arts Research**, v. 21, 1995.

PARSONS, Michael J. **Compreender a arte**: uma abordagem à experiência estética do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo. Lisboa: Presença, 1992.

\_\_\_\_\_. **Compreender a arte**. São Paulo: Sesc, 1998. (anotações de palestra).

\_\_\_\_\_.; BLOCKER, H. Gene. **Aesthetics and education**. Chicago: University of Illinois, 1993.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: leitura da arte na escola. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.

\_\_\_\_\_. A estética no ensino das artes visuais. In: Educação & Realidade - **Dossiê Arte e Educação**: arte criação e aprendizagem, Porto Alegre, v. 30, n. 2, jul./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento do pensamento estético no ensino fundamental. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.